

A ESCRITA NARRATIVA NO PROCESSO DE (AUTO) FORMAÇÃO DO PESQUISADOR EDUCACIONAL

NARRATIVE WRITING IN THE PROCESS OF (SELF) FORMATION OF THE EDUCATIONAL RESEARCHER

Joelson de Sousa Morais¹
Maria Divina Ferreira Lima²

Recebido em: 07/04/2020

Aprovado em: 20/06/2020

Publicado em: 31/07/2020

RESUMO: A escrita narrativa é um modo privilegiado de saber, fazer e dizer a experiência do sujeito em processos de formação, na construção da pesquisa e na aprendizagem experiencial. O presente artigo é uma incursão tanto teórica, como epistemológica e fruto de nossas experiências como professores e pesquisadores no contexto da pós-graduação *strictusensu*. Além do mais, muitas das ideias apresentadas neste, são oriundas de estudos e pesquisas que realizamos e que nos acompanham, nos quais produzimos algumas reflexões que se amparam no âmbito da abordagem narrativa (auto)biográfica em educação. Os objetivos buscam: compreender como se dá o processo de (auto)formação do pesquisador mediado pela escrita narrativa, bem como refletir acerca das contribuições da tessitura narrativa no contexto da formação e (auto)formação profissional do pesquisador educacional. A questão balizadora que nos propomos a discutir é: de que forma a escrita narrativa pode contribuir nos processos de (auto) formação do pesquisador educacional? Metodologicamente, primamos por: narrativas da experiência, registros dos nossos diários de pesquisa, experiência e formação, e o dispositivo da memória, para produzir os conhecimentos e os saberes tecidos nessa produção. Os resultados elucidam que a escrita narrativa é um potente meio de reflexão, (auto)formação e transformação do pesquisador, que, produzidas em contextos múltiplos, plurais e fruto das variações linguísticas e interculturais dos quais fazem parte e expressam os sujeitos em seus escritos, acabam contribuindo, para a valorização de sua subjetividade, possibilitando a constituição de processos emancipatórios substanciais em sua vida, experiência e profissão.

Palavras-chave: Escrita; Pesquisa narrativa (auto)biográfica; (Auto)formação; Conhecimento científico.

ABSTRACT

Narrative writing is a privileged way of knowing, doing and saying the subject's experience in training processes, in the construction of research and in experiential learning. This article is a theoretical and epistemological incursion and the result of our experiences as teachers and researchers in the context of strictu sensu postgraduate studies. Furthermore, many of the ideas presented in this article come from studies and research that we have carried out and that accompany us, in which we produce some reflections that are supported by the (auto) biographical narrative approach in education. The objectives are: to understand how the researcher's (self) training process is mediated by narrative writing, as well as to reflect on the contributions of the narrative fabric in the context of the educational researcher's professional (self) training. The guiding question that we propose to discuss is: how can narrative writing contribute to the educational researcher's (self) formation processes? Methodologically, we stand out for: experience narratives, records of our research, experience and training diaries, and the memory device, to produce the knowledge and knowledge woven into this production. The results elucidate that narrative writing is a powerful means of reflection, (self) formation and transformation of the researcher, which, produced in multiple, plural contexts and as a result of the linguistic and intercultural variations of which they are part and express the subjects in their writings, they end up contributing to the valorization of their subjectivity, enabling the constitution of substantial emancipatory processes in their life, experience and profession.

Keywords: Writing; Narrative (auto) biographical research; (Self) training; Scientific knowledge.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na linha de pesquisa Formação de Professores e Trabalho Docente (Bolsista da CAPES). <http://lattes.cnpq.br/9184354605461860> E-mail: joelson25morais@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). É professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPI). <http://lattes.cnpq.br/2559703142686341> E-mail: lima.divina2@gmail.com

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

REFLEXÕES INICIAIS

A proposta desse artigo se inscreve como uma reflexão acerca da narrativa que contempla a experiência desenvolvida no contexto da pesquisa educacional científica, em que vem se consolidando no âmbito dos contextos profissionais, que por um lado nos situamos como professores pesquisadores e formadores de outros professores nos cursos de licenciaturas, e por outro, das experiências em que estamos desenvolvendo com a pesquisa no contexto da pós-graduação em educação *strictu sensu*. Mais precisamente, focalizamos a tessitura da escrita narrativa como uma proposta de incursão que leva o pesquisador educacional a constantes reflexões que mediatizam a (re) elaboração do conhecimento científico.

Nesse sentido, estamos nos referindo ao pesquisador educacional no âmbito da Universidade, mais precisamente, os que estão imersos no contexto de uma pós-graduação em educação, a propósito do que, por exemplo, se alude à nossa realidade, em que estamos inseridos, tanto o primeiro autor deste escrito, em que está realizando um curso de Doutorado em Educação, como a segunda autora, que se encontra como professora de um Programa de Pós-Graduação em Educação, orientadora de mestrado acadêmico nesse respectivo programa.

Muitas das ideias aqui discutidas, emergiram de uma perspectiva tridimensional: dos registros escritos em nossos diários que temos e construímos ao longo de nossas pesquisas, dos itinerários formativos e das experiências trilhadas.

Compreendemos que, ao fazer os registros que são inerentes às suas pesquisas científicas, o sujeito, voltando-se sobre esses escritos, chega a perceber outras tantas ideias que durante o processo de elaboração desse registro não foi possível perceber, e é aí, entre o não percebido e a reflexão que é feita desse contexto, que essa dimensão de reflexividade representa uma via indispensável de produção de saberes, experiências e conhecimentos que se articulam a três momentos temporalmente construídos: 1) a do início da pesquisa científica; 2) a do percurso em que se debruça o sujeito numa dimensão mais pragmática, em se tratando da construção do registro narrativo das experiências trilhadas; e, 3) e da leitura e reflexão que o sujeito faz do que foi narrado nos percursos da pesquisa, da experiência e da formação.

A ideia de darmos centralidade à narrativa como dispositivo metodológico de pesquisa, reflexão e (auto) formação, em se tratando do universo da experiência do pesquisador no contexto da educação, tem uma configuração muito peculiar e subjetiva

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

que o insere numa especificidade, trazendo os seus registros, como uma forma de protagonizar a si próprio, bem como se dá a conhecer os percursos trilhados, e o que dessas dinâmicas poderá gerar, tendo a narrativa escrita o meio privilegiado para dizer o que outra linguagem não seria capaz de revelar.

Os objetivos deste texto, portanto, buscam: compreender como se dá o processo de (auto)formação do pesquisador mediado pela escrita narrativa, bem como refletir acerca das contribuições da tessitura narrativa no contexto da formação e (auto)formação profissional do pesquisador educacional.

Para tanto, os seguintes questionamentos se fazem necessários fazermos como algumas provocações reflexivas que situam o nosso pensamento, inicialmente, neste estudo, quais sejam: de que forma a escrita narrativa pode contribuir nos processos de (auto)formação do pesquisador educacional? Quais implicações a narrativa possibilita perceber pelo sujeito acerca dos registros escritos no processo de pesquisa e construção do conhecimento?

Este trabalho se insere na abordagem de pesquisa narrativa (auto)biográfica em educação, tomando como princípios os estudos de Josso (2010), Ricoeur (2010), Pineau (2010), Benjamin (2012), Bragança (2012; 2018) entre outros, articulados ao campo da filosofia da linguagem a quem nos fundamentamos em Bakhtin (2003; 2017; 2019).

Ao produzir este artigo, nos utilizamos de três dispositivos *teórico metodológicos*³ e epistemológicos, fundamentais, à construção do conhecimento científico que foram: 1) as nossas experiências; 2) os registros de nossas narrativas escritas em nossos diários de *pesquisa formação* e de nossa experiência; e, 3) a memória. O entrelaçamento desses três dispositivos, foi fundamental, pois representaram (e representam) um modo que consideramos privilegiado de materializarmos os nossos pensamentos e tecer outros tantos saberes e conhecimentos que vem nos acompanhando ao longo de nossa vida, profissão e formação como pesquisadores do campo da abordagem narrativa (auto)biográfica em educação.

A *pesquisa formação*, é um termo cunhado por Josso (2010), no qual nos dá a compreender como um processo indissociável entre o pesquisar e o se formar, já que, ao

³A junção de duas ou mais palavras tem a intenção de produzir outras tantas significações que nos levam a outras reflexões para além dos modelos clássicos e hierárquicos da ciência e produção do conhecimento científico. Adotamos essa forma de escrita aqui, coniventes com a perspectiva de Bragança (2018) que nos faz ver essas outras possibilidades criativas e criadoras que as palavras nos incita a elaborar.

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

passo em que estamos pesquisando, também estamos refletindo, construindo saberes e conhecimento, e, portanto, nos formando e nos transformando concomitantemente.

AS POTENCIALIDADES DA PESQUISA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA NA (AUTO)FORMAÇÃO DO PESQUISADOR

A pesquisa qualitativa no âmbito das ciências humanas e sociais, traz uma pluralidade de perspectivas e contextos, que são consubstanciados pelas dimensões da subjetividade e singularidade em que emergem nos processos formativos e da experiência do sujeito tecidas nas compreensões de mundo, de si e do meio à sua volta que ganham visibilidade pela narrativa e suas histórias de vida.

A esse respeito, é válido ressaltar os contributos que essa abordagem de pesquisa nos fornece no campo do conhecimento científico, e com o qual comungamos como pesquisadores e formadores de novos pesquisadores/professores no campo da educação, de que:

[...] no conjunto denominado de “narrativa (auto)biográfica, muitos trabalhos partem de experiências significativas da vida do/a pesquisador/a e de experiências educativas especialmente vividas com os cotidianos e sujeitos escolares e, por outro, as narrativas tecidas a partir de experiências do vivido são sempre (auto)biográficas, pois trazem a vida ou fragmentos da história de vida dos participantes (BRAGANÇA, 2018, p. 70).

Estamos considerando as narrativas como dispositivos *teórico metodológicos* e epistemológicos de formação, (auto)formação e produção do conhecimento científico, que, de forma implicada possibilita reflexões, tomadas de consciência dos percursos e registros da experiência, e, conseqüentemente, como via de transformação e emancipação do sujeito.

Ao pensar por esse prisma, dialogamos com os postulados da pesquisa narrativa (auto)biográfica, que entre outros, Josso (2010), Pineau (2010) e Cunha (2010) nos traz elucidações formativas e reflexivas que a narração se constitui pelos itinerários de transformações impulsionadas por esta na vida e experiência do sujeito.

No que concerne ao pensamento de Josso (2010), a autora nos faz pensar acerca da tomada de consciência que os registros presentes na narração permitem fazer com

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

que o sujeito conheça a si próprio, o seu meio e as sensibilidades e construção dos saberes, fruto desse entrelaçamento.

Enquanto Pineau (2010), nos apresenta um esboço potencialmente significativo de reflexão e formação do sujeito, que acontece tanto por meio de instâncias externas, quanto, internas, se tornando uma via de construção de significados dos percursos trilhados dentro e fora dos espaços institucionais, existenciais e de vida de cada um. O que o autor vai trazer, assim, é uma perspectiva tridimensional de formação, em que *o sujeito se insere na ação com os outros (heteroformação), na relação que estabelece com o meio ambiente (ecoformação) e fruto de uma construção subjetiva, singular e pessoal de aprendizagem e formação de si (autoformação).*

É válido ressaltar ainda, que a (auto)formação não é um processo que se dá de forma isolada, pois, apesar de ser uma construção que reflete e implica o sujeito de modo subjetivo e singular, incorporando transformações que o modificam em vários aspectos, inclusive, em se tratando da construção de aprendizagens, ela é dependente da *ecoformação* e *heteroformação*, tendo em vista, a existência dos contextos de sociabilidade em que vivemos e nos aforhamos, e, sobretudo, por que, nos transformamos em função das relações histórico-sociais, culturais e relacionais da existência em que nos engajamos e estabelecemos na sociedade.

Convém citarmos a interessante reflexão que fez Bragança (2012), acerca dessas três dimensões de formação: heteroformação, ecoformação e autoformação. Segundo a autora:

A autoformação é a dimensão pessoal do reencontro reflexivo em que as questões do presente nos levam a problematizar o passado e a construir projetos sobre o futuro; a heteroformação aponta a significativa presença de muitos outros que atravessam nossa história de vida, pessoas com quem aprendemos e ensinamos; e a ecoformação fala de nossa relação com o mundo, o trabalho e a cultura (BRAGANÇA, 2012, p. 64).

Essas três dimensões formativas, portanto, se fazem presentes no acompanhamento da existência, formação e profissionalização do sujeito, e que ocorre, com diferentes intensidades, perspectivas e acontecimentos. Como estas se reverberam nas implicações formadoras e transformadoras desse sujeito, vai depender muito, de quais contextos se entrelaça e permite participar, e como encara o que acontece, também nas relações estabelecidas com outros e dos grupos em que se insere.

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

Do ponto de vista do pesquisador educacional, a escrita narrativa revela não apenas os modos de racionalização e do âmbito cognitivo em que se encontra tecendo os saberes e conhecimentos da pesquisa e da construção do conhecimento, mas, emerge, concepções, valores, significados e reflexões de vida, de suas apreensões, dúvidas e incertezas que o acompanham durante tanto na pesquisa, quanto nas experiências de vida, formação e desenvolvimento profissional em múltiplos contextos, relações e realidades em que se lança ou já passou. Fazendo ainda, articulações futuras com o que deseja e idealiza em vários âmbitos e do que o movem de forma desejante e subjetivamente pensada/refletida.

É diante dessa pluralidade de acontecimentos, saberes e experiências tecidas e tramadas pelo sujeito, muitas das quais, nas imbricações que faz entre esses contextos e os registros narrativos que deles emergem, que a (auto)formação se constitui como um dispositivo reflexivo e de transformação da vida, da profissão e dos processos de pesquisa que produz ou que intenciona realizar.

Em outras palavras, a (auto)formação do pesquisador, não é um processo demarcado e regulatório de instâncias institucionais e forjada na cultura de um *saber fazer a priori* com determinações instituídas, regras a cumprir e imposições a aceitar, forjada pela cultura da pesquisa e do entorno em que se encontra, e sim “[...] a autoformação ultrapassa os quadros sociais de vida. Ela parece ser **a expressão de um processo de antropogênese** que extravasa as estratificações sociais e educativas tradicionais” (PINEAU, 2010, p. 100. Grifos do autor).

Em nossa experiência de professores pesquisadores, por exemplo, destacamos a pertinência dos registros que fazemos em nossos diários, os quais nos dão a ver outras tantas reflexões dos percursos trilhados, pois, à medida em que voltamos aos nossos registros escritos, vamos descortinando um universo de possibilidades, desvelando, assim, uma multiplicidade de saberes e conhecimentos que vamos tecendo pela (re)leitura que fazemos, em outros momentos posteriores ao narrado.

Além de se mostrar como um recurso de inestimáveis contribuições para a construção de nossos conhecimentos e aprendizagens de diferentes dimensões e contextos, o diário de pesquisa, muitas vezes nos faz pensar outras formas de conceber a vida, a experiência, a formação e outras tantas articulações com a pesquisa e o desenvolvimento profissional que estamos vivenciando e experienciando.

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

Os registros que por nós são feitos, são oriundos também, não apenas dos processos de pesquisa, mas, utilizados no contexto de nossas aulas, como professores formadores de outros professores nos cursos de licenciaturas, e que é um modo de materializarmos os nossos pensamentos do que fazemos, pensamos em fazer e dos resultados gerados de nossas práticas e reflexões cotidianas.

Acreditamos, que por meio da narrativa (auto)biográfica, sobretudo, aquela tecida pelos registros escritos, nos dão pistas para nos conhecermos melhor em vários pontos e prismas que muitas vezes não estamos acostumados a nos ver e perceber, como também, nos mostra como formadores de professores, os sujeitos com quem estamos compartilhando a formação, a experiência e a construção de reflexões e conhecimentos se dá. Na verdade, é uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que nos transformamos ao narrar nossas experiências e revisitá-las em outros momentos, vendo coisas, contextos e situações que ainda não conseguimos enxergar de nossas práticas, exercitamos o olhar para o que narram os outros que conosco se encontram em nosso âmbito de pesquisa, experiência e formação. E assim, disparam sensibilidades em nós e neles mesmo pela narrativa, além de possibilitar a construção de saberes e outros tantos conhecimentos que não nos permitiu construir em momentos anteriores.

Isso tem muito a ver com o que Souza (2010) defende, de uma construção subjetiva e singular da narrativa, mediada pelas reflexões constantes que nos faz percebermos como formadores de professores e pesquisadores que estamos a tecer nossas experiências de vida, pesquisa e profissão. E nesse contexto, questionamos: como essa perspectiva pode fazer com que reflitamos os processos em que estamos imersos, constituindo potencialidades, reflexões transformadoras e substanciais em nossos percursos trilhados? Concordamos que:

A pesquisa (auto)biográfica no processo de formação de formadores vincula-se à ideia de que é a pessoa que se forma e forma-se através da compreensão que elabora do seu próprio percurso de vida, permitindo ao sujeito perceber-se como ator da sua trajetória de formação. Através da pesquisa (auto)biográfica, o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, o qual se revela através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes, ao narrar com profundidade (SOUZA, 2010, p. 163).

Temos experienciado, então, a presença marcante da narrativa como pesquisadores e formadores, em que passamos a registrar o vivido como uma forma de

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

praticarmos as reflexões e possíveis entendimentos (ou não) que conseguimos obter dos contextos das pesquisas que fazemos, e da experiência a que estamos desenvolvendo.

Do mesmo modo, a dimensão emancipatória da pesquisa narrativa (auto)biográfica é uma perspectiva evidenciada pelas narrativas nossas e dos sujeitos que participam de nossas pesquisas no contexto do cotidiano da Universidade e das escolas, e a aqueles com os quais formamos e contribuem em nossa formação também, tem nos mostrado, que os registros feitos narrativamente, extrapolam às reflexões conceituais, cognitivas e de fundamentação *teórico epistemológica*, emergindo, experiências ricas, sensíveis, potentes e transformadoras da realidade e de si próprios.

Ou como nos alerta Benjamin (2012), a narração é um modo de fazer emergir saberes, experiências e conhecimentos sensíveis, artísticos e estéticos que o sujeito tece no seu universo existencial, profissional e formativo. E mais, a narrativa “[...] ela não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos” (BENJAMIN, 2012, p. 220).

Assim, a produção do conhecimento científico é legitimada no campo da educação, mais precisamente, quando amparada qualitativamente como perspectiva *teórico metodológica* e epistemológica na pesquisa narrativa (auto)biográfica, quando traz a experiência narrativa dando a ver o potencial de implicação que gera na formação e (auto)formação dos sujeitos envolvidos no processo. Seja como uma contribuição para o pesquisador, como para os participantes das pesquisas com quem compartilha saberes, conhecimentos e experiências.

Compreendemos que há uma dupla apropriação e construção de conhecimentos e reflexões tecidas pelo pesquisador durante os processos em que o acompanham no contexto da pesquisa, e que caracterizamos como dimensões (auto)formadoras, quais sejam, que: 1) o contato com o contexto da pesquisa e com os sujeitos que participam das mesmas, permitem encontrar e produzir fontes, ver outras realidades, e escolher, decidir e transformar perspectivas *teórico metodológicas*, políticas e epistemológicas suscitadas no transcurso de suas caminhadas realizadas; e, 2) apreender como o pesquisador consegue utilizar as fontes encontradas, as relações estabelecidas com os sujeitos e a construção do conhecimento científico, se transformando numa mola propulsora de reflexões, transformações e aprendizagens, buscando articular o mundo da pesquisa, ao universo pessoal, profissional e existencial, e muitas vezes, isso se

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

materializa na escrita narrativa. Eis, que essa última questão, consideramos significativamente potencial e transformadora.

Algumas das contribuições que a abordagem narrativa permite circunscrever está muito latente nos processos de entrevistas em que faz o pesquisador, que Delory-Momberguer (2012) vai designar por *entrevista de pesquisa biográfica*. Esta, se instaura como uma prática balizadora e exponencial em todo o processo da pesquisa e que permite captar os saberes e fazeres da experiência dos sujeitos no contexto pesquisado, e com as tramas que são desveladas do imbricamento estabelecido entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Partimos do princípio compreensivo de que:

A entrevista de pesquisa biográfica instaura assim um duplo empreendimento de pesquisa, um duplo espaço heurístico que age sobre cada um dos envolvidos: o espaço do entrevistado na posição de entrevistador de si mesmo; o espaço do entrevistador, cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 527).

Trata-se, pois, de tecer um conjunto de sentidos que vão, paulatinamente, dando vida e legitimidade às experiências e os itinerários formativos e da pesquisa que são captadas no processo da entrevista narrativa, e que, vão somando-se a outros dispositivos metodológicos utilizados nesse processo, como as observações, o diário de pesquisa e a memória do pesquisador, em que, algum momento quando passar a se debruçar no entrelaçamento com os registros desses dispositivos, permitirá a composição de seus saberes e a produção do conhecimento científico que consegue construir.

Enfim, as narrativas da pesquisa e no contexto em que são captadas ou elaboradas, produzem um efeito emancipatório, em que se configura como fundamental na constituição da identidade do pesquisador, mas acima de tudo, na tomada de consciência suscitada em reflexões transformadoras que medeiam suas ações e os modos como se vê enquanto pessoa e profissional. Nesse sentido, acreditamos que:

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao “ouvir” a si mesmo ou ao “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, auto-determinando a sua trajetória (CUNHA, 2010, p. 201).

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

Como podemos perceber, então, a perspectiva emancipatória, é pois, uma das características preponderantes que as narrativas possibilitam, se tornando, assim, um dispositivo potente na pesquisa científica, e que contribui, fundamentalmente, no processo de *dar forma a si*, como reforça Josso (2010) e de *(auto)formação* na perspectiva de Pineau (2010) que, apoiando-se nos “constituintes do eu, dos outros e da natureza”, tem alertado, atualmente, para a necessidade de emergência de uma *autoecoformação*, “que **faz do processo de formação um processo permanente, dialético e multiforme**” (PINEAU, 2010, p. 116. Grifos do autor).

Portanto, acreditamos que a *(auto)formação* na pesquisa narrativa *(auto)biográfica*, situando, o sujeito pesquisador, a partir de sua escrita, representa um dispositivo tangível e essencial de reflexão, transformação e emancipação na pesquisa científica, e para o próprio sujeito em sua multiplicidade de saberes, experiências e conhecimentos que consegue tecer, razão pela qual, precisamos olhar esse outro universo como um espectro de possibilidades para além do que se apresenta e do que poderá ser descortinada.

A ESCRITA NARRATIVA E A INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

O nosso olhar nessa seção, é discutir o modo como pesquisadores que se encontram como estudantes da pós-graduação, em cursos de mestrado e doutorado em educação, em articulação com os professores orientadores destes, conseguem perceber o que pode emergir dos escritos narrativos em seus diários ou outros dispositivos.

Há diferentes formas em que é possível captar e registrar as narrativas no processo da pesquisa científica. Alguns se dão, por meio de: observações, diário de pesquisa, gravador em áudio, fotografias, entrevistas narrativas, conversas no cotidiano, etc...

A escolha de um desses ou outros, vai depender para qual propósito e finalidade o pesquisador está almejando, o que precisa também está antenado com o seu projeto e os dispositivos definidos para que acontece, a materialização de suas ideias e reflexões, de uma forma mais absoluta possível em termos de exequibilidade.

Cabe a cada sujeito, escolher, em acordo com os sujeitos pesquisados o que é mais adequado no processo de pesquisa, e que lhe ajudará durante a apropriação e construção do conhecimento científico através dos registros que já estiver ao seu dispor

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

ou já construídos, que passarão por um refinamento e depuramento do olhar, para em diferentes momentos separar e organizar as ideias e as narrativas das que vão para o texto da tese ou da dissertação, etc.

Somente em um outro nível, de maior profundidade, por exemplo, do processo de compreensão e interpretação das narrativas, é que poderá ser realizado pelo pesquisador outras etapas, desde que consiga desenvolver a primeira etapa da pesquisa, que seria estabelecer contato com o local onde poderá ser pesquisado, e os sujeitos definidos e já compartilhados com estes o que tem a ver com o objeto da sua pesquisa.

Durante os contextos em que se lança o pesquisador a tecer cotidianamente o seu processo formativo, inicializados, seja pelas reflexões das leituras que fez/faz, quando, do contato com os locais e os sujeitos da pesquisa, muitas coisas vão acontecendo ao longo do tempo e (re)orientando os caminhos a seguir, as escolhas a fazer e as decisões a tomar.

Assim, cada narrativa tem uma expressão de seu tempo, apresentando características e peculiaridades que desvelam os contextos políticos, econômicos, religiosos, culturais, comportamentais e sociais de sua temporalidade, e de quando foi narrada e quem participou, podendo ainda ser compreendida em função de quais circunstâncias a narração permitiu ser elaborada (MORAIS; BRAGANÇA, 2019, p.379)

Muito do que escrevemos em nossas narrativas, tem se dado da relação que estabelecemos com os outros que nos constituem nos processos formativos, da experiência e da pesquisa. Ao pontuar esse aspecto, nos reportamos a ideia de *saber axiológico*, numa perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2017), que se funda num agir ético responsivo, em que pensamos no que o outro nos narra, e contemplamos de forma articulada e híbrida às observações que fazemos, em consonância com os registros que temos em nossos diários de pesquisa, e assim, buscamos tecer uma linguagem que seja caracterizada por uma permissibilidade, mas, acima de tudo, de um conteúdo eticamente estabelecido, possível de inteligibilidade e ao mesmo tempo, valorizando as experiências, as identidades dos sujeitos e os saberes de diferentes perspectivas que circulam no contexto da pesquisa, que, eticamente, vamos externando, veiculando e publicizando.

Então, já que a “singularidade única não pode ser pensada, mas vivida de modo participativo” (BAKHTIN, 2017, p. 58), as narrativas com quem dialogamos tecidas por nós pesquisadores, e os professores, alunos ou outros tantos sujeitos os quais

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

estabelecemos pontes de ligação, construção de saberes, experiências e conhecimentos, nos dão a ver um campo rico de possibilidades em que, cada realidade, contexto e sujeito, produz uma subjetividade que se revela de maneiras singulares, tanto quanto o modo de escrita que registramos também se modifica em função das transformações históricas, políticas, e aspectos culturais e da experiência que emergem dos nossos encontros e partilha de diversas dimensões, finalidades e propósitos.

A linguagem, portanto, determina muito o teor da discussão, os resultados apresentados e a interpretação que o leitor faz, diferentemente do narrador, e até do narrado, muitas vezes.

Isso tem muito a ver com o que elucida Ricoeur (2010), em *Tempo e Narrativa* (vol.1), acerca da *tríplice mimesis*, em que os acontecimentos em que se materializam a narração, passam de um modo que as intenções, os registros narrativos e as interpretações que destes emergem, vão se configurando diferentemente, entre o narrador (quem narra), a narrativa (o narrado) e a narração (praticada pelo leitor ou ouvinte da narrativa).

Reforçamos, assim, a compreensão que temos de como se dá os três movimentos da *mimesis* como imaginação criadora no campo da narrativa em Ricoeur (2010). Ou seja, a *Mimesis I* consiste das relações estabelecidas do sujeito em suas ações e respectivas compreensões cotidianas desse processo; enquanto na *Mimesis II*, há um modo de materializar o compreendido na tessitura da intriga que seria a composição da narrativa; já na *Mimesis III* é a concretização que se dá ao chegar no leitor ou ouvinte, a narrativa circunscrita ou registrada no plano da escrita, que por sua vez, poderá ser praticada oralmente numa leitura que faz mediação entre a *Mimesis II* e *III*, gerando outros tantos significados, reflexões e historicidades a quem desse processo participar.

Na escrita narrativa e seus usos como dispositivo metodológico na pesquisa científica, consideramos salutar, os meios pelos quais se dão sua interpretação, já que por meio desta, é possível guiar e direcionar as possibilidades de construção do conhecimento científico.

Temos empreendido em nossas orientações e construção dos saberes e conhecimentos mediados pelas pesquisas que realizamos, e tomando por princípio, a escrita narrativa e as reflexões que destas nos lançamos, a uma proposta de utilização da interpretação hermenêutica filosófica ancorada na corrente francesa de Paul Ricoeur, por acreditarmos na inteligibilidade gerada e na potência reflexiva capaz de alcançar.

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

No que diz respeito, mais especificamente à interpretação hermenêutica da narrativa, na perspectiva de Ricoeur (2010), os sentidos produzidos entre o narrador, quem escreve o que é narrado, e quem lê a narrativa elaborada, são outros, completamente diferentes, pois, a intenção de quem narra é uma, enquanto, a composição da narratividade se dá numa lógica específica, da qual vai produzir outras tantas significações pelo leitor, fruto de suas múltiplas compressões, reflexões e pontos de vista de mundo, conhecimento e entendimentos que possui, diferenciando-se, assim, das intenções, ideias e propósitos do narrador, do narrado e do lido/ouvido/visto.

Há, portanto, uma diferença que é estabelecida na construção do pensamento e da linguagem do narrador, em relação ao narrado e ao sujeito que se apropria da narrativa, em se tratando do leitor ou ouvinte. Diante do exposto, reportamo-nos a Bakhtin (2003), que, em *Estética da criação verbal*, nos provoca a compreender que a linguagem é obra, porque pode ser construída, lapidada e ressignificada em função da experiência do vivido. O que isso, permite ser tecido através dos signos, pela escrita, e que, ao ser colocada em uma dimensão reflexiva acerca dela, pode ser (re)significada com diferentes proporções e dimensões.

Um aspecto salutar que pode retratar as diferentes formas com que a narrativa se configura no âmbito interpretativo, a partir das ideias que discutimos acima, pode ser corroborado com a seguinte citação:

Outro aspecto relevante na análise da natureza interpretativa da narrativa oral e escrita diz respeito ao público: a narrativa oral dirige-se a um sujeito ou a um coletivo definido pela situação de interlocução, em um contexto de comunicação restrita; já a escrita apresenta um leitor desconhecido e aponta a “universalização do auditório”, já que, potencialmente, qualquer leitor pode ter acesso ao texto (BRAGANÇA, 2012, p. 122).

As enunciações discursivas pelas quais são reveladas na escrita narrativa correspondem, assim, a um contexto específico de um sujeito, de sua linguagem praticada na vida cotidiana, e dos mundos dos quais participa, considerando a pluralidade de realidades, que incidirá no teor do escrito e do compreendido por si e compartilhado narrativamente.

As narrativas que escrevemos, todavia, podem se transformar numa produção que alcançará um público do qual não sabemos quem seja, nem como se reverberará e se implicará nos entendimentos, compreensões ou não dos sujeitos que delas possam ler,

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

ouvir ou ver, bem como gerar uma multiplicidade de reflexões, das quais, muitas delas podem se distanciar do narrador, de quem narrou e de quem receberá essa narrativa.

Um dos aspectos que conseguimos visualizar em nossas experiências da escrita narrativa, bem como do âmbito de nossas orientações e outras realidades, diz respeito a como os pesquisadores as produzem, como refletem e as comunicam, e os diferentes níveis de compreensão e interpretação que estabelecem, que muitas vezes, ao nos narrar, parece estar claro para si o que sua narrativa ou as que construiu com os sujeitos participantes de suas pesquisas querem dizer, o que para o outro precisa ser dito e deixado às claras, e que, muitas vezes ainda não está ou não conseguiu dar a ver.

Cada narrativa, imprime uma singularidade do narrador, e representa uma dimensão estética e artística específica da narração, que diferencia de uma pessoa para outra, já que podemos considerar a pluralidade cultural existente, e mesmo, as interculturalidades linguísticas, contextuais e territoriais com as quais podemos perceber na escrita narrativa, e que dão muito a conhecer o sujeito e compreender o seu modo de ser e estar, e a si próprio.

A variação linguística da narrativa escrita, portanto, fala muito de quem a produziu e do local de partida da onde desponta. Além do mais, essas características podem ser percebidas pelo outro que lê, ouve ou vê nossa narrativa e muitas vezes consegue expressar essa representação, entendimento e até ver o que não estamos conseguindo enxergar. Narramos isso, porque tem sido uma prática recorrente em nossas experiências nos grupos de pesquisa dos quais fazemos parte, na produção e no compartilhamento das narrativas que são lidas pelos participantes dos encontros que temos, como também tem se dado de modo intenso em nossas aulas na graduação e pós-graduação em educação, e nas pesquisas que realizamos e orientamos.

O “estar fora” daquilo que narramos na escrita, ou o olhar de um outro sujeito que passa a ter contato com nossa experiência narrativa, acaba produzindo outras interpretações, significações, reflexões e entendimentos, o que podemos perceber isso com Bakhtin (2019) ao chamar *deposição exotópica*, que consiste num outro olhar que não seja o que estabelecemos, vemos e damos, no interior de nossos mundos. Essa *posição exotópica*, produz então, um efeito formativo e de uma reflexão crítica acerca do narrado, pois o outro nos mostra, o que muitas vezes não conseguimos ver, e mesmo, até narrar pelas circunstâncias que a linguagem e as relações socioculturais, muitas vezes nos aprisionam.

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

Partimos da reflexão de que “o conteúdo da palavra sobre o objeto nunca coincide com o seu conteúdo para si mesmo” (BAKHTIN, 2019, p. 43). Ou seja, ao passo em que escrevemos narrativamente com uma intenção e entendimento, pode não ser o que o outro consegue apreender da experiência narrada por nós, e que, nos registros dessa nossa escrita é dado vida, legitimidade e outras tantas articulações dos diversos mundos do leitor ou narrador ouvinte acerca do narrado. Refletindo bakhtinianamente, isso significa a tessitura de um ato que é irrepetível, e com o qual não consegue ser concebido no plano da abstração, somente à luz do acontecimento em que o próprio sujeito tece, intransferível a outro.

A força da narrativa escrita na experiência da formação, reflexão e pesquisa tecida pelo sujeito no momento em que passa a ser materializada e tomada no âmbito de sua consciência, cria mecanismos potentes de transformação de si, pois o sujeito passa a olhar, viver e muitas vezes refletir com e acerca do que o mesmo narrou de si, viveu e experienciou, trazendo um outro universo do qual ainda não tinha habitado ou pensado e também se dá conta de que tudo o que acontece poderia acontecer e possibilitar as mudanças geradas nos movimentos deslocados entre o ser, o estar sendo, ou ainda, pensar o que e como narrou o que narrou, bem como o que está narrando ou poderia narrar.

A escrita narrativa, é uma materialização do pensamento, das reflexões e da experiência que o sujeito tece, retratando o si mesmo, o outro, os universos dos quais trilhou ou participa. Assim, fala de sua pessoa e dos contextos que o habitam. Ou seja:

[...] as escritas de si, longe de comunicar o que já se sabe, constituem-se verdadeiros processos de descoberta. Essa dimensão heurística permite a quem escreve explicitar as experiências e transformar saberes implícitos em conhecimentos (*pesquisa*). O narrador, ao redescobrir-se como ser aprendente, reinventa-se (*formação*) (PASSEGGI, 2010, p. 115).

Essa, é, pois, uma das dimensões que tem nos acompanhado e nos feito refletir o que a nossa experiência em formação tem nos contribuído, de forma potencial, isto é: de que no âmbito do que temos construído narrativas escritas que elencamos pertinente e escolhemos narrar, geram implicações reflexivas, (auto)formadoras e emancipatórias em vários contextos, principalmente, das pesquisas que realizamos, orientamos e das aulas e encontros que temos e participamos.

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

Diante dessa discussão, refletimos, portanto, o que as escritas narrativas têm se configurado em nossas vidas, mais, especialmente, das pesquisas e formação que, ao longo do tempo, vem nos acompanhando e permitindo se circunscrever, de que:

[...] o trabalho sobre as narrativas escritas permite revelar que o nosso processo de conhecimento depende não apenas dos nossos registros de expressão privilegiados e das nossas teorias de referência, mas que são profundamente orientados e matizados por referências culturais heterogêneos, que vêm tornar mais complexa a confrontação intersubjetiva já apontada (JOSSO, 2010, p. 219).

Narrativas produzem conhecimentos, refletem a experiência e contribuem na formação profissional, mas, acima de tudo, dá vida e legitimidade a existência, e que são corroboradas mais ainda, quando escrevemos e registramos a experiência e o vivido, o que por meio de outros dispositivos, talvez não conseguiria produzir tanta potência e transformações.

Apesar de não existir um modo correto, parametrizado e delineado de como se produzir narrativas, reiteramos que sua criação/elaboração é consubstanciada pelos itinerários tecidos pelos participantes, fruto dos universos socioculturais de que fazem parte, além, da compreensão de mundo que possui, e das características linguísticas e de outras dimensões que revelam muito de sua identidade e do universo profissional, existencial e formativo que comunga, o circunda e está imerso. A esse respeito, nos aproximamos empaticamente com as ideias de que:

[...] uma boa narrativa apresenta semelhanças, pontos de aproximação com a vida de quem a escuta. São as convergências das histórias que as fazem verossímeis. Na ficção o que está em questão não é se as narrativas são verdadeiras ou não, mas como elas evocam e provocam (LIMA; GERALDI; GERALDI (2015, p.22)

O que também corroboramos com a potencialidade de que as “Narrativas são vividas e experimentadas assim como são contadas: elas podem ser descobertas, criadas, contadas e recontadas” (GOODSON, 2019, p. 108).

A escrita narrativa, é, portanto, um modo privilegiado de dar sentido à vida e as histórias de nossas vidas, de nos permitir tecer processos de inteligibilidade, formação e (auto)formação mediatizadas pelas experiências, em que, muitas delas, se tornam

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

contextos fecundos e propícios de reflexões transformadoras com dimensões enriquecedoras e emancipatórias.

ALGUMAS (IN)CONCLUSÕES DE UM PERCURSO EM ANDAMENTO...

Escrever narrativas, é uma prática que vem se tornando cada vez mais rara, principalmente, nos tempos do capital, na racionalização do tempo e de tantos outros modos de produzir a realidade, o conhecimento e a existência, como nos alerta Benjamin (2012).

Portanto, os registros da escrita narrativa representam uma materialidade palpável, sob a qual se é possível compreender determinados acontecimentos de um determinado tempo, espaço e relações estabelecidas com os outros com os quais nos relacionamos e partilhamos.

A narrativa é uma outra forma de manifestação discursiva que permite ao sujeito construir ou possibilitar a tessitura da consciência, mediada pelas reflexões que faz, suscitadas pelos movimentos que vamos nos defrontando e estabelecendo com os inúmeros sujeitos, contextos e situações.

Ao longo de um processo formativo no contexto de uma experiência em formação na pós-graduação em educação, da qual fazemos parte, percebemos que os professores pesquisadores vão, paulatinamente se modificando, e lapidando suas narrativas acerca dos percursos trilhados, que se dão, tanto: 1) dos registros escritos que fazem das aulas, encontros de grupos de pesquisa e de orientação, e também do contexto da pesquisa com os sujeitos participantes de seus estudos; como, 2) na construção do conhecimento científico quando passam a entrelaçar as narrativas que construiu ao longo da pesquisa presentes nos dispositivos metodológicos que escolheram e fizeram da pesquisa, se transformando, muitas vezes, no texto da tese de doutorado ou da dissertação de mestrado.

Escrever narrativamente, é um exercício que vai se aprimorando ao longo do tempo, e que vão emergindo, aspectos dinâmicos, assimétricos, mas também, éticos, estéticos e artísticos, e que, caracteriza singularmente um modo de narrar, imprimindo as características do narrador nos seus escritos.

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

Toda narrativa, portanto, tem uma expressão e representação de um sujeito, de um lugar, de uma variação linguística e dos universos culturais dos quais fazem parte o narrador, e que, muitas vezes revelam aspectos subjetivos, de si e do mundo à sua volta.

Na produção da escrita narrativa, são considerados e narrados não apenas aspectos de ordem cognitiva, conceitual e científica, mas outros conhecimentos, saberes e experiências diversas em que situa o sujeito na sua singularidade, subjetividade e do encontro de si, com o outro e dos múltiplos *espaços tempos* presentes em sua existencialidade.

A escrita narrativa tem representado uma prática constituída de implicações, reflexões e materialidade do pensamento do sujeito acerca das experiências trilhadas nos percursos da pesquisa e dos outros variados contextos dos quais se insere e participa, se tornando, portanto, nas palavras de Goodson (2019) a construção de um “novo futuro social”.

Que sejamos, então, narradores... sujeitos que possamos narrar a experiência, construir a história de nossas vidas, da formação e do que praticamos, como uma tessitura outra do possível, erigindo tantas outras formas de aprendizagens, construção de saberes e produção de conhecimentos no mundo que habitamos atualmente, e que será habitado pelas novas gerações que estão por vir.



MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 3ªed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, M. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

BENJAMIN, W. O narrador. In.: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012. P.213-240.

BRAGANÇA, I. F. de S. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788575114698>>. Acesso em: 24/02/2020.

BRAGANÇA, I. F. de S. Pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, M. H; M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (Orgs). **Pesquisa narrativa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018. P.65-81.

CUNHA, M. I. da. Narrativas e formação de professores: uma abordagem emancipatória. In.: SOUZA, E. C.; GALLEGU, R. de C. (Orgs). **Espaços, tempos e gerações**: perspectivas (auto)biográficas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. P.199-214.

DELORY-MOMBEGGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v.17, n.51, set.-dez. 2012. P.523-740. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>>. Acesso: 26/04/2020.

GOODSON, I. F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. E ampl. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, M. E. C. de C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em revista**. Belo Horizonte, v.31, n.01, p.17-44, Jan./Mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v31n1/0102-4698-edur-31-01-00017.pdf>>. Acesso: 17/04/2020.

MORAIS, J. de S.; BRAGANÇA, I. F. de S. A narrativa como experiência ressignificada no tempo. In.: **Anais do VII Seminário Vozes da Educação**: Resistências políticas e poéticas na vida e na educação: Regina Leite Garcia, presente! 1.ed. São Gonçalo, RJ: UERJ, Faculdade de Formação de Professores, 2019. P.379-390.

PASSEGGI, M. da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In.: PASSEGGI, M. da C.; SILVA, V. B. (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.103-130.

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In.: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. P.97-118.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SOUZA, E. C. de. Acompanhar e formar – mediar e iniciar: pesquisa (auto)biográfica e formação de formadores. In.: PASSEGGI, M. da C.; SILVA, V. B. da (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. P.157-177.

Como citar este artigo (ABNT)

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F. **A ESCRITA NARRATIVA NO PROCESSO DE (AUTO) FORMAÇÃO DO PESQUISADOR EDUCACIONAL**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 2, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

MORAIS, J. S.; LIMA, M. D. F. (2020). **A ESCRITA NARRATIVA NO PROCESSO DE (AUTO) FORMAÇÃO DO PESQUISADOR EDUCACIONAL**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

